

O papel da mulher no rádio esportivo: um panorama da participação feminina nas jornadas de futebol em Porto Alegre

The role of women in sports radio: an overview of female participation in football matches in Porto Alegre

Carlos Guimarães

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Porto Alegre/RS, Brasil
Doutorando em Comunicação, PUCRS
csguimaraes@gmail.com

Caroline Patatt

Universidade Bela Interior, Covilhã, Portugal
Doutoranda em Comunicação, Universidade Bela Interior

Resumo: O artigo apresenta um mapeamento do papel das mulheres nas coberturas esportivas das quatro principais rádios de Porto Alegre: Band, Gaúcha, Grenal e Guaíba. A pesquisa propõe uma abordagem metodológica através de entrevistas em profundidade e de observação participante. O objetivo deste trabalho é identificar quais as atribuições designadas para as mulheres nas emissoras que produzem sistematicamente cobertura futebolística na capital gaúcha. Entende-se que as transformações na mídia e no futebol, com seus impactos sociais e tecnológicos, são preponderantes para compreender a participação feminina em um ambiente historicamente construído como masculino. Neste contexto, busca-se determinar de que forma acontecem as práticas cotidianas das profissionais que atuam nas quatro principais emissoras da cidade no ano de 2023.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher na imprensa esportiva; Futebol feminino; Rádio; Imprensa de Porto Alegre; Jornalismo esportivo.

ABSTRACT: The article presents a mapping of the role of women in sports coverage of the four main radio stations in Porto Alegre: Band, Gaúcha, Grenal and Guaíba. The research proposes a methodological approach through in-depth interviews and participant observation. The objective of this work is to identify the attributions assigned to women in broadcasters that systematically produce football coverage in the capital of Rio Grande do Sul. It is understood that the transformations in the media and in soccer, with their social and technological impacts, are preponderant to understand female participation in an environment historically constructed as male. In this context, we seek to determine how the daily practices of professionals who work in the four main broadcasters in the city take place in the year 2023.

KEYWORDS: Women in the sports press; Women's football; Radio; Porto Alegre press; Sports journalism.

A transmissão de um jogo de futebol é um dos produtos mais tradicionais no rádio brasileiro. Presente no cotidiano dos ouvintes desde 1931, data oficial do que se considera a primeira transmissão de uma partida de futebol na íntegra em território brasileiro, feita pela Rádio Sociedade Educadora Paulista com a narração de Nicolau Tuma,¹ as chamadas jornadas esportivas foram incorporadas ao cotidiano da torcida brasileira como um hábito que complementa o principal, que é a paixão pelo jogo. No entanto, as transmissões radiofônicas de futebol consideraram muito pouco as mulheres como profissionais capazes de transmitir uma partida. Com isso, construiu-se no imaginário do torcedor um rádio que possui, entre outras, uma característica: ele sempre foi feito por vozes masculinas.

O apagamento da mulher na cobertura de futebol no rádio brasileiro pode ser associado com a total ausência de mulheres no âmbito competitivo do esporte. Foram 38 anos de proibição para a mulher jogar futebol no país. Em 1941, no dia 14 de abril, o artigo 54 do decreto-lei 3.199 disponível no Diário Oficial² determinava que “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis [sic] com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. À época, inclusive, a imprensa nacional inclusive apresentava termos e declarações como o futebol feminino sendo “um disparate esportivo que não deve prosseguir”.³ Somente em 1979, o decreto-lei de 1941 foi revogado e, em 1983, houve a profissionalização do futebol feminino.

O rádio, neste tempo, foi um forte propagador do futebol brasileiro. Via-se o jogo com o radinho no ouvido. Dentro dessa cultura, criou-se, também, uma ideia de um rádio regional, ao contrário do processo de convergência visto na mídia atual.⁴ Cada local passou a ter uma configuração própria. Em Porto Alegre, foco da pesquisa, as coberturas esportivas sempre foram centralizadas em acompanhar os dois grandes clubes de futebol da cidade: o Grêmio Football Porto-Alegrense e o Sport Club Internacional. A força do rádio gaúcho produziu diversos profissionais de renome para a mídia esportiva nacional, esteve junto com os clubes nas conquistas nacionais

¹ SOARES. *A bola no ar*, p. 17-22.

² MUSEU DO FUTEBOL, s. d.

³ GOELLNER. *Mulheres e futebol no Brasil*, p. 3.

⁴ HAUSSEN. *Rádio e regionalização na sociedade da informação*, p. 79-83.

e internacionais e consolidou uma cobertura esportiva com ótima audiência. Porém, sempre com narradores, comentaristas e repórteres homens.

Com poucas mulheres fazendo parte da cobertura esportiva, o rádio de Porto Alegre chega a 2023 com um cenário um pouco diferente do que se observava em outras épocas. No passado, foram poucas as mulheres presentes nas coberturas. Com a inserção efetiva das mulheres na indústria do futebol – tanto na disputa do jogo quanto na presença nas arquibancadas ou mesmo no consumo desta indústria –, de que forma se dá o cenário da presença feminina nas grandes emissoras que cobrem futebol em Porto Alegre?

O objetivo deste artigo é apresentar este cenário. Será analisada a participação feminina nas quatro principais emissoras de rádio de Porto Alegre que possuem uma cobertura esportiva sistemática: Band, Gaúcha, Grenal e Guaíba.⁵ Se o futebol é uma atividade pertencente à sociedade,⁶ uma consequência natural seria a naturalização da participação feminina neste meio, uma vez que a própria sociedade avançou no sentido de integrar a mulher a este universo. Para esta investigação, a metodologia dá conta de dois instrumentos fundamentais para essa coleta de dados são utilizados: as entrevistas abertas em profundidade⁷ e a observação participante.⁸ A primeira parte foi estabelecer contato com as profissionais que estão nesse meio e tentar entender como elas enxergam os seus papéis e de suas colegas dentro desse processo. A observação participante vem do histórico dos autores da pesquisa, que estão inseridos profissionalmente neste meio.⁹ Com isso, pretende-se analisar de que forma acontece essa participação, com dois contextos que se assumem como fatores primordiais nesta análise: o contexto histórico e o contexto contemporâneo.

⁵ O rádio de Porto Alegre conta ainda com emissoras no formato de *webrádio*, mas que fogem do escopo escolhido por conta das seguintes características: a) produção jornalística sistematizada; b) programação integral e c) concessões públicas. Os critérios foram escolhidos pelos autores da pesquisa.

⁶ DAMATTA et al. *O universo do futebol*, p. 24.

⁷ MARCONI; LAKATUS. *Fundamentos de metodologia científica*.

⁸ DUARTE. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*, p. 62-83.

⁹ Neste sentido, os autores possuem uma vasta experiência de convivência no meio radiofônico esportivo de Porto Alegre. Carlos Guimarães é jornalista esportivo há 24 anos sempre atuando neste meio. É comentarista da Rádio Guaíba e já teve passagens por Gaúcha e Bandeirantes. Já Caroline Patatt foi repórter esportiva da RBS TV, TV Record e Fox Sports. Acreditamos, logo, que a observação participante é constante, uma vez que os autores estão inseridos neste contexto.

CONTEXTO HISTÓRICO: DO DISPARATE À COBERTURA MIDIÁTICA

Durante 38 anos – de 1941 a 1979 – as mulheres brasileiras foram proibidas por lei de jogar futebol. Goellner¹⁰ resgata a carta recebida pelo então presidente Getúlio Vargas – responsável pela proibição – na qual era relatada a preocupação de que o esporte afetasse as jogadoras fisiologicamente, a ponto de interferir na maternidade. Essa carta foi escrita por José Fuzeira, um *cidadão de bem*,¹¹ que classificou como um disparate a prática do futebol feminino no país: “[a carta] intitulada ‘Um disparate esportivo que não deve prosseguir’ era um texto que tratava o futebol como uma calamidade para as moças que estavam correndo o risco “de destruírem a sua preciosa saúde, e ainda a saúde dos futuros filhos delas... e do Brasil”.¹²

Se a prática esportiva não profissional já era alvo de tamanha interferência, é difícil imaginar a mulher informando ou opinando acerca dessas mesmas atividades em nível profissional. Só aumentava o desafio de tornar credível ao público a palavra de alguém que já não era bem-vista nas redações de modo geral – algo que se perpetuou praticamente até a década de 1970. Abreu¹³ indica que o caminho foi aberto aos poucos por figuras como Maria Helena Nogueira Rangel, considerada uma das primeiras mulheres a cobrir a área de esportes no Brasil. Ela foi contratada pela recém-fundada *Gazeta Esportiva*, em São Paulo, no ano de 1947, com apenas 21 anos. A fotojornalista Mary Zilda Grassia Sereno foi outra a fazer história, especialmente na cobertura de jogos de futebol para diversos jornais brasileiros. Na televisão, apenas em 1998 aconteceria a primeira participação de uma mulher na cobertura da Copa do Mundo de Futebol, com Anna Zimmerman, pela Rede Globo. A emissora de maior audiência no país contava com a presença feminina no esporte desde a década de 1980, inicialmente com Monika Leitão e Isabela Scalabrini.¹⁴

Nessa mesma época, pela TV Gazeta, Regiani Ritter era uma das profissionais de maior destaque no país. Antes de trabalhar com esporte na televisão, Ritter

¹⁰ GOELLNER. *Mulheres e futebol no Brasil*, p. 3.

¹¹ Embora seja um artigo acadêmico, os autores se permitiram a utilizar essa ironia ao apresentar a figura de José Fuzeira, um cidadão comum de Copacabana, no Rio de Janeiro, que endereçou ao presidente da República a carta mencionada.

¹² GOELLNER. *Mulheres e futebol no Brasil*, p. 3.

¹³ ABREU. *A modernização da imprensa (1970-2000)*, p. 109.

¹⁴ DANTAS. *Mulheres no jornalismo esportivo*, p. 39.

passou pela Rádio Gazeta AM, em São Paulo, onde iniciou a trajetória como jornalista esportiva. Na época, já havia na mesma cidade uma equipe completamente feminina transmitindo futebol – desde a narração, passando pelo comentário, plantão e reportagem. Foi na Rádio Mulher, entre 1971 e 1974. Uma das integrantes, Germana Garili, a Gegê, “é reconhecida oficialmente pela Federação Paulista de Futebol (FPF) como a primeira repórter feminina profissional a fazer uma cobertura de futebol no campo”¹⁵ Apesar da proposta inovadora, o preconceito era muito grande, como relata outra participante das transmissões, Zileide Ranieri Dias:

Apesar de alguns companheiros terem incentivado o projeto, a maioria ficava atenta aos possíveis erros cometidos durante as transmissões e criticavam o fato de terem que dividir o mesmo local de trabalho conosco. [...] Tínhamos uma relação muito boa com os jogadores, e em alguns casos até tínhamos van-tagem. Em um jogo, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, em um ato de cava-leirismo disse: “Dou entrevista, sim, mas às mulheres primeiro”.¹⁶

Por ser um país continental e, dessa forma, com situações culturais e socioe-conômicas muito distintas, fazer um balanço em termos gerais dos primórdios da participação feminina no rádio esportivo é algo bastante desafiador. Faltam dados acerca das relações de trabalho nos locais com menos projeção e mais afastados dos grandes centros. O rádio é um meio em que o regionalismo, ou seja, as particulari-dades de cada local, interferem e influenciam fortemente o cotidiano das emissoras. O que é possível observar no rádio esportivo, no entanto, é que há um certo padrão e que ele acompanhou, neste sentido, o que foi o futebol brasileiro neste período: a presença das mulheres era uma espécie de evento, uma exceção. Não eram rotina. Com isso, é possível ter uma estimativa das dificuldades enfrentadas pelas mulheres nesse segmento, como, por exemplo, no Rio Grande do Sul – estado mais meridional da nação e cuja capital é Porto Alegre, foco deste trabalho.

No Rio Grande do Sul, Eva Mendonça é considerada a pioneira no radiojorna-lismo esportivo. Na década de 1960 “ela fazia parte do departamento de notícias da Rádio Gaúcha e realizava esporadicamente atividades restritas a área administra-tiva ou de radioescuta na equipe esportiva”.¹⁷ Já na década de 1970 os registros

¹⁵ DANTAS. *Mulheres no jornalismo esportivo*, p. 37.

¹⁶ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 221.

¹⁷ MATTOS; ZUCOLOTTO. A constituição histórica da presença da mulher no radiojornalismo esportivo brasileiro, p. 5.

apontam para a presença de outras três mulheres mais diretamente relacionadas à cobertura esportiva no rádio em Porto Alegre: Carmem Dial, Rita Campos Daudt e Maria Luiza Benitez.

Carmem Dial era conhecida como Peninha e foi integrada à equipe na reestruturação do esporte da Rádio Gaúcha, em 1978:

Ela entrou na equipe inicialmente para participar do núcleo de pesquisa que tinha sido formado para elaborar textos de apoio para a Copa do Mundo na Argentina. No entanto, Peninha foi além e conseguiu alcançar o posto de redatora do programa Show dos Esportes, além de coordenar as jornadas esportivas e cobrir as férias do chefe de reportagem. A jornalista entrava no ar com frequência, mas percebe-se que não cabia a ela o trabalho de reportagem.¹⁸

Já Provenzano e Santuário¹⁹ recordam a contratação de Rita Campos Daudt para exercer a função de repórter de campo, também na Rádio Gaúcha:

Entretanto, para conseguir realizar a entrevista com os jogadores, ela precisava organizar anteriormente com quem falaria e quais seriam as perguntas, isso porque muitos atletas ignoravam os chamados da repórter na beira do campo pelo fato de se tratar de uma mulher” destacando um pouco da trajetória feminina no estado.²⁰

A outra mulher que participou de coberturas esportivas nos anos 1970 foi Maria Luiza Benítez, no início da década, na Rádio Cultura em Bagé e, posteriormente, na Rádio Guaíba. Benitez afirma que sofreu com insultos que vinham dos torcedores:

Na época, a reação do público que ia aos estádios não era simpática: “Putá! Putá! Putá!”. O xingamento em unísono não abalou Benitez: “Eu abanava, sorria, distribuía brindes como se nada estivesse acontecendo”, disse. Sua atuação era limitada apenas ao campo de jogo, não havia acesso aos vestiários.²¹

Eva Mendonça, Carmem Dial, Rita Campos Daudt e Maria Luiza Benitez foram as primeiras mulheres que se incorporaram às redações esportivas no Rio Grande do Sul, trabalhando de forma cotidiana como repórteres. Após os anos 1980, mesmo com a inclusão das mulheres no universo do futebol profissional, poucas foram

¹⁸ LUZ. *Em busca de espaço: mulheres no jornalismo esportivo em rádio e televisão*, p. 49-50.

¹⁹ PROVENZANO; SANTUÁRIO. A participação das mulheres no radiojornalismo esportivo do Rio Grande do Sul, p. 5.

²⁰ PROVENZANO; SANTUÁRIO. A participação das mulheres no radiojornalismo esportivo do Rio Grande do Sul, p. 5.

²¹ BROCANELLI. Maria Luiza Benitez: a pioneira na reportagem de futebol no Brasil.

utilizadas como repórteres. Na televisão, elas conseguiam ocupar estes espaços, mas o rádio, um meio mais conservador, ainda preferia a utilização de homens como comunicadores. Quando havia mulheres nas equipes esportivas, elas eram colocadas em funções de bastidores, como produção, ou de entretenimento, como repórter especializada em ouvir o torcedor. Fora condições incomuns, como jornadas esportivas especiais e eventos pontuais, o rádio de Porto Alegre nunca teve mulheres nas funções de narração e comentários e apenas uma mulher na função de setorista²² por mais de um ano:²³ foi Débora de Oliveira, da Bandeirantes, nos anos 2000.

Portanto, não se verificou uma constância no aumento da presença de jornalistas mulheres no radiojornalismo esportivo porto-alegrense. Em 2010, eram apenas três.²⁴ Em 2015, de acordo com o estudo de Luz²⁵ nenhuma mulher trabalhava como setorista de Dupla Grenal. Em 2023, como analisaremos, não é muito diferente. Mesmo com um cenário que incorpora ao rádio o trabalho de redes sociais e com mais possibilidades de transmissões, o papel da mulher no rádio de Porto Alegre não desobedece em quase nada essa construção histórica, nem com as mais otimistas perspectivas para o meio – especialmente no âmbito tecnológico.

CONTEXTO DO MEIO: O RÁDIO EXPANDIDO E O FUTEBOL-ESPETÁCULO

As transformações tecnológicas que acontecem no mundo reconfiguram os meios de comunicação. Elas são preponderantes para definir modos de produção, distribuição e consumo, afetando todas as pontas envolvidas neste processo. Da construção da mensagem à recepção da mesma – e, hoje, um caminho que não para por aí, devido ao que Castells²⁶ chama de autocomunicação de massa, um fenômeno em que a audiência é criativa, participativa e reinventa a mensagem, devolvendo-a ao emissor e, ao invés de formar um processo único, com início meio e fim, forma-se um

²² Chama-se de setorista o repórter que é escalado diariamente para a cobertura do dia a dia de um clube.

²³ As emissoras buscaram experiências com outras profissionais, mas não mantiveram essa ideia por muito tempo. A exceção foi Débora de Oliveira, que foi repórter da Bandeirantes entre 2004 e 2006.

²⁴ PROVENZANO; SANTUÁRIO. A participação das mulheres no radiojornalismo esportivo do Rio Grande do Sul, p. 8.

²⁵ LUZ. *Em busca de espaço*, p. 51.

²⁶ CASTELLS. *O poder da comunicação*, p. 183.

ciclo onde a mensagem permanece viva.²⁷ Os componentes tecnológicos reconfiguraram toda a estrutura comunicacional.

Ferraretto²⁸ apresentou uma proposta de periodização do rádio brasileiro. Ele demarcou períodos históricos para se entender a consolidação do rádio como indústria de radiodifusão a partir do século passado, que são as fases de (1) implantação, (2) difusão, (3) segmentação e (4) convergência. Esta pesquisa propõe uma consonância com este estudo, considerando algumas sensíveis rupturas que denotam a especificidade do tema proposto neste projeto, com abordagens peculiares que merecem um aprofundamento mais exclusivo, tomando como base teórica tais estudos. A fase da convergência, que é a atual, tem as seguintes características, como “redefinição das transmissões para além das ondas hertzianas”, “transmissões online” e necessidade de uma linguagem específica.²⁹

As transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais impactam, logo, sobre as alterações que as mídias passam, numa lógica em que os meios de comunicação são influenciados por outros meios e pela contextualização de cada época:

A midiamorfose não é tanto uma teoria, mas um modo de pensar a respeito da evolução tecnológica dos meios de comunicação como um todo. Ao invés de estudar cada modalidade separadamente, leva-nos a ver todas elas como integrantes de um sistema interdependente e a reparar nas semelhanças e relações existentes entre as formas do passado, do presente e as emergentes. Ao estudar o sistema de comunicação como um todo, veremos que os novos meios não surgem por geração espontânea, nem de modo independente. Aparecem gradualmente pela metamorfose dos meios antigos. E quando emergem novas formas de meios de comunicação, as antigas geralmente não deixam de existir, mas continuam evoluindo e se adaptando.³⁰

Com isso, observa-se que o rádio transbordou para outras plataformas, expandindo-se e ganhando as redes sociais e deixando de ser um meio essencialmente de áudio, uma vez que as programações podem ser transmitidas por vídeo. É o que Kischinhevsky³¹ chama de rádio expandido. Esse é o contexto que determina o modo com que se cria, reproduz e se consome o meio rádio atualmente. Com isto, novas

²⁷ CASTELLS. *O poder da comunicação*, p. 183.

²⁸ FERRARETTO. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil, p. 40-42.

²⁹ FERRARETTO. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil, p. 42

³⁰ FIDLER. *Mediamorfosis*, p. 57.

³¹ KISCHINHEVSKY. *Rádio e mídias sociais*, p. 13.

funções se agregaram às tradicionais do rádio. Hoje, uma emissora possui além de produtores, editores, redatores, repórteres, apresentadores e comentaristas, novos profissionais, como o produtor de conteúdo, editor de redes sociais e até a presença de influenciadores digitais. No rádio esportivo de Porto Alegre, estas funções foram incorporadas à rotina das emissoras. A Rádio Gaúcha³² possui produtores de conteúdo e jornalistas para cuidar especialmente das redes sociais. Nas outras emissoras, também há estas figuras. São novos formatos disponíveis a partir de uma transmissão multiplataforma. Com isso, aumentam as possibilidades profissionais e de inserção das mulheres no ambiente radiofônico.

Neste sentido, a transformação do futebol em espetáculo, com coberturas multimídia e novas demandas, poderia estimular a participação feminina neste cenário. Damo³³ chama esse eixo do futebol – admitindo que ele possui outros eixos, ligados a outros cenários – de *matriz espetacularizada*, com três características fundamentais: a organização monopolista e globalizada, a divisão social do trabalho e a excelência performática. É o futebol que assistimos. É o futebol que os jornalistas cobrem. É o futebol que o rádio transmite.

A MULHER NO RÁDIO ESPORTIVO DE PORTO ALEGRE: O CENÁRIO CONTEMPORÂNEO

O trabalho considera as contribuições de DaMatta³⁴ como um aporte fundamental para a análise do cenário pretendido pelo artigo. Esta premissa é a base que direciona uma escolha metodológica que orienta a observação sobre o aquilo que será analisado. A premissa é a seguinte:

[O futebol é] uma atividade *da sociedade* [grifo nosso] e não como uma atividade em oposição *ou competição com a sociedade* [grifo nosso]. Enquanto uma atividade da sociedade, o esporte é a própria sociedade exprimindo-se por meio de uma certa perspectiva, regras, relações, objetos, gestos, ideologias etc., permitindo, assim, abrir um espaço social determinado: o espaço do esporte e do jogo. E assim, suponho, que uma produtiva sociologia do esporte pode ser praticada, sem os riscos das reificações e projeções rotineiras, quando o esporte é tratado como um epifenômeno

³² GZH, 2023, disponível em gzh.com.

³³ DAMO. *Do dom à profissão*, p. 38.

³⁴ DAMATA et al. *O universo do futebol*, p. 24.

ou atividade dispensável e secundária e a sociedade como uma realidade individualizada e monolítica.³⁵

Neste sentido, pretende-se encarar o jornalismo esportivo que, logo, tem por objeto um fato social, como um *subcampo* da sociedade, confirme coloca Guimarães.³⁶ Esse termo é uma derivação do conceito clássico de *campo* colocado por Bourdieu,³⁷ em que a editoria esportiva possui particularidades que despertam uma produção de conhecimento específico.³⁸ Para entendê-lo numa amplitude que permite uma observação de cenário – no caso, a de um subcampo –, busca-se em duas metodologias. As características dos autores desta pesquisa também facilitam a produção desta proposta,³⁹ sobretudo pela indicação de um dos instrumentos importantes para a coleta de dados: a observação participante. Neste caso, a inserção dos autores neste ambiente é um ponto favorável, uma vez que suas presenças eram incorporadas às redações e não interfeririam na rotina dos pesquisados. O outro ponto é a entrevista em profundidade, que, neste sentido, é fundamental para apresentar no texto como as mulheres se enxergam e como elas enxergam suas colegas neste contexto.

Com isso, a pesquisa adotou esses dois processos metodológicos a fim de mapear a participação feminina no rádio de Porto Alegre. Por uma questão estrutural, foram escolhidas as quatro grandes emissoras de rádio da capital gaúcha que obedeceram a parâmetros já mencionados neste texto. São elas: Band, Gaúcha, Grenal e Guaíba. Sobretudo, são as quatro emissoras que possuem programação sistematizada, uma rotina jornalística diária e presença integral nas coberturas esportivas da Dupla Grenal. Outro ponto que foi determinante para essa escolha é o tempo de atividade. Embora a Rádio Grenal tenha apenas 11 anos de atividade, ela é a derivação de outras emissoras que tradicionalmente cobriam futebol, como a Rádio Pampa.

O quadro abaixo apresenta o *corpus* da pesquisa, isto é, as mulheres que hoje trabalham como jornalistas esportivas nas quatro principais emissoras de Porto Alegre:

³⁵ DAMATA et al. *O universo do futebol*, p. 24.

³⁶ GUIMARÃES. *O comentarista esportivo contemporâneo*, p. 18.

³⁷ BOURDIEU. *Esboço de uma teoria da prática*, p. 61.

³⁸ GUIMARÃES. *O comentarista esportivo contemporâneo*, p. 22.

³⁹ Cf. menção no início do texto sobre os autores.

Profissional	Emissora	Funções
Ana Carolina Aguiar	Guaíba	Repórter de torcida e debatedora
Camila Nunes	Gaúcha	Produtora
Carol Freitas	Gaúcha	Produtora de conteúdo
Esther Fischborn	Gaúcha	Produtora de conteúdo
Gabriela Ferreira	Gaúcha	Produtora
Janaína Wille	Gaúcha	Produtora e podcaster
Michelle Silva	Band	Produtora e debatedora
Mylena Acosta	Gaúcha	Produtora de conteúdo
Thalia de Castro	Grenal	Produtora
Valéria Possamai	Gaúcha	Produtora e repórter
Vitória Nascimento	Gaúcha	Produtora de conteúdo

Quadro 1: profissionais atuantes nos departamentos esportivos das emissoras de Porto Alegre.
Fonte: autoria própria (2023).⁴⁰

Mesmo sem qualquer aprofundamento, o quadro já é capaz de revelar aspectos bem relevantes. São apenas 11 profissionais mulheres nas emissoras que cobrem futebol em Porto Alegre: oito na Gaúcha e uma na Band, na Grenal e na Guaíba. Das oito que atuam na Gaúcha, quatro são produtoras de conteúdo, fruto do processo de convergência que o Grupo RBS adotou para seus veículos, com a formação de GZH. Há, neste sentido, uma redação integrada, em que os profissionais dividem atividades no rádio, no *website* da emissora, nas páginas de *Zero Hora* ou em produtos criados para o meio multimídia.

A redação da Gaúcha, por conta desse processo de convergência, é a maior de todas. São 38 pessoas, das quais, oito mulheres. Na Band, são 18 profissionais. A Grenal conta com 23 componentes em sua equipe e a Guaíba, com 15. Com isso, quantitativamente, tem-se a seguinte porcentagem: ao todo, são 94 profissionais que trabalham como comunicadores esportivos nas rádios de Porto Alegre. Destes, 11 são mulheres. Em termos percentuais, as redações de rádio na capital gaúcha possuem 11,7%⁴¹ de mulheres em seus departamentos esportivos, contando com o processo de convergência de GZH. Possivelmente, o número seria menor não

⁴⁰ Por não atuarem com o jornalismo de rádio no dia a dia, as profissionais Marjana Vargas, diretora de conteúdo da Rádio Grenal, e Vanessa Girardi, editora de GZH, não foram colocadas no quadro. As profissionais listadas são apenas as que atuam efetivamente no meio rádio – ainda que não seja com exclusividade nesse meio- e em funções jornalísticas.

⁴¹ Grifo nosso, no sentido de destacar esse percentual, alentando para o leitor que é um número que se torna importantíssimo nesta análise. Não se trata, entretanto de uma pesquisa *qualitativa*. O índice colocado servirá de ilustração.

fosse esta fusão. Elas são, portanto, uma ‘minoría esmagadora’ dentro dos processos de produção das emissoras.

O quadro também revela as funções em que são colocadas. Das 11 listadas, apenas duas trabalham efetivamente na reportagem: Ana Carolina Aguiar, da Guaíba, e Valéria Possamai, da Gaúcha. No cotidiano, apenas duas são debatedoras esportivas, isto é, levam suas opiniões para os ouvintes: Ana Carolina Aguiar (Guaíba) e Michelle Silva (Band). Com exceção de Ana Carolina Aguiar, Michelle Silva e Valéria Possamai, apenas outras duas participam de conteúdos expandidos, como podcasts: Carol Freitas (Resenha das Gurias, em GZH) e Janaína Wille (Primecast, GZH). Mais da metade é apenas produtora ou produtora de conteúdo, ou seja, são profissionais que trabalham nos bastidores.

Para as profissionais, elaboramos as seguintes perguntas:

1. Ser minoria num ambiente essencialmente masculino incomoda, constrange ou desafia?
2. Na sua opinião, qual a sua importância dentro do seu departamento?
3. Qual o papel que o rádio esportivo de Porto Alegre atribui às mulheres?
4. A participação feminina no rádio de Porto Alegre é, na sua opinião, pequena, satisfatória ou ideal?
5. Você se sente valorizada e acha que suas colegas são valorizadas?

Foram entrevistadas: Carol Freitas, Mylena Acosta e Valéria Possamai, da Gaúcha; Michelle Silva, da Band e Ana Carolina Aguiar, da Guaíba.⁴² As respostas serão analisadas no subcapítulo seguinte.

O PAPEL DA MULHER NO RÁDIO ESPORTIVO DE PORTO ALEGRE SEGUNDO AS PRÓPRIAS

A primeira pergunta feita na entrevista foi: “Ser minoria num ambiente essencialmente machista incomoda, constrange ou desafia?”. As cinco profissionais responderam que incomoda, especialmente pelo fato de que são poucas mulheres. “Deveria ter mais espaço, mas não é estranho porque venho de uma cultura em que sempre

⁴² Todas as profissionais aceitaram a publicação dos nomes no trabalho e consentiram com o objetivo da pesquisa.

fui a única numa redação esportiva”, afirma Ana Carolina Aguiar,⁴³ a mais experiente das jornalistas. Este incômodo é compartilhado por Michelle Silva e Mylena Acosta. Carol Freitas acredita que a representatividade vem aumentando e Valéria Possamai argumenta que este espaço desafia justamente para promover um crescimento. Neste sentido, todas são unânimes: elas são movidas pelo desafio de aumentar a presença feminina no rádio de Porto Alegre.

No que diz respeito à importância de cada uma no departamento de esportes, todas consideram que possuem relevância nas funções que fazem. Mylena Acosta pontua com uma significativa contribuição a respeito de representatividade e de como esse desafio também pode incorporar outras questões além do gênero:

Mostrar que o esporte é para todos e que precisa ser inclusivo. Tanto no meio jornalístico como na prática esportiva. Por ser uma mulher negra, pautas como racismo e discriminação também são (in)voluntariamente parte do meu papel no departamento. A importância do meu trabalho está em expandir o que é feito no rádio e conversar com outras plataformas.⁴⁴

Sobre o papel que é reservado às mulheres no rádio esportivo de Porto Alegre, as cinco entrevistadas falam sobre uma cultura que precisa ser derrubada. Essa cultura coloca a mulher em funções ainda são vistas como exclusivamente masculinas no meio radiofônico da capital gaúcha. Aguiar⁴⁵ afirma que “também gostaria de receber mais oportunidades na reportagem, algo que acontece com estagiários homens. [...] As mulheres sempre começam pela torcida”. A jornalista se refere à função de repórter de torcida, tradicionalmente utilizada pelas emissoras de Porto Alegre. A reportagem junto ao público seria uma função que conta com nuances de entretenimento, de diversão ao apresentar o parecer dos torcedores sobre o jogo. Enquanto isso, o papel de entrevistar os personagens do espetáculo, como jogadores, treinadores e dirigentes, cabe aos homens. Estas funções são as norteadoras da parte jornalística numa jornada esportiva. A reportagem na torcida seria a parte mais leve. Carol Freitas também coloca que a participação feminina nas transmissões de futebol está longe do ideal. Há, neste sentido, uma ponderação de Michelle Silva:

⁴³ AGUIAR, entrevista aos autores.

⁴⁴ ACOSTA, entrevista aos autores.

⁴⁵ AGUIAR, entrevista aos autores.

Penso que muitas vezes é atribuído a mulher o papel de falar de futebol feminino exclusivamente, como se a modalidade não fosse também futebol que um comunicador esportivo deve acompanhar e como se mulher só pudesse acompanhar/falar sobre esportes disputados por mulheres, quando podemos falar sobre todos os que quisermos.⁴⁶

É a questão da igualdade também colocada por Valéria Possamai:

Quando falamos de futebol feminino também é outra situação que precisa ser desmistificada. Não são apenas as mulheres que precisam ter a responsabilidade de falar sobre a modalidade. Obviamente, que é uma oportunidade. Mas, as mulheres não podem ser chamadas apenas para isso. O mesmo tem que acontecer no masculino.⁴⁷

No sentido de atribuir um valor à presença feminina no rádio de Porto Alegre, Ana Carolina Aguiar pontua que ela é “menor que pequena”.⁴⁸ Carol Freitas argumenta: “Temos poucas repórteres, poucas plantonistas e nenhuma narradora”⁴⁹ e aproveita a pergunta para afirmar algo que é muito visto em redes sociais: é proibido que a mulher erre:

E algo que é nítido também, nesse sentido, é que os “erros” das mulheres ou as opiniões polêmicas geram um cancelamento e uma roda de ódio muito maior nas redes sociais, por exemplo. Recorrentemente, vemos discordâncias acompanhadas de um “tinha que ser mulher” ou “não entende nada de futebol mesmo”.⁵⁰

Michelle Silva respondeu apenas que a participação feminina no rádio de Porto Alegre é pequena, assim como Mylena Acosta, que acrescentou: “Poucas de nós participamos de forma ativa e efetiva na rádio, visto que os “cargos” e referências no meio ainda são majoritariamente masculinos”.⁵¹ A única resposta destoante para esta pergunta foi a de Valéria Possamai, que julga a participação feminina no rádio de Porto Alegre satisfatória: “Temos mulheres ganhando maior protagonismo e ocupando espaços principais nas transmissões esportivas e nos programas de debate”.⁵²

O último item foi sobre a valorização pessoal delas e das colegas. Existe aqui um ponto muito relevante: não fosse o processo de expansão do rádio para as redes

⁴⁶ SILVA, entrevista aos autores.

⁴⁷ POSSAMAI, entrevista aos autores.

⁴⁸ AGUIAR, entrevista aos autores.

⁴⁹ FREITAS, entrevista aos autores.

⁵⁰ FREITAS, entrevista aos autores.

⁵¹ ACOSTA, entrevista aos autores.

⁵² POSSAMAI, entrevista aos autores.

sociais e as iniciativas de convergência em algumas emissoras, provavelmente o espaço feminino no rádio de Porto Alegre seria ainda menor. É o que afirma Ana Carolina Aguiar: “grande presença ainda está nas redes sociais, naquelas meninas que fazem chegada nos estádios e tudo mais. Então acho que isso está muito mais relacionado ao entretenimento do que de fato o jogo, análise tática, formação de times etc”.⁵³ Carol Freitas, Mylena Acosta e Valéria Possamai, colegas de Gaúcha, dizem que são valorizadas pela empresa. Michelle Silva também coloca que se sente valorizada pela Bandeirantes. No entanto, quando se referem a um panorama geral, pontuam de outra forma, especialmente sobre enfrentar o machismo do cotidiano, como coloca Carol Freitas: “Ainda há o machismo velado e, dificilmente, conseguimos identificá-lo no dia a dia. Então, esse é outro ponto que merece ser discutido de maneira mais aprofundada”.⁵⁴

Ainda colocamos no questionário espaço para considerações finais, caso as entrevistadas achassem necessário. Michelle Silva considera importante destacar também que assim como outras minorias, das mulheres se espera erro zero: “há uma pressão quase que natural, muitas vezes vinda de nós mesmas, com relação ao nosso trabalho e o nível de qualidade dele”.⁵⁵ Já Valéria Possamai colocou que vale para as empresas uma avaliação sobre a presença das mulheres nestes espaços e que “ter uma profissional mulher não pode ser apenas um número”.⁵⁶

Com base no que elas responderam, foi possível concluir que:

- Em termos de dados precisos, apenas 11,7% das redações esportivas nas quatro emissoras da capital gaúcha são compostas por mulheres;
- Destes 11,7%, a função majoritária em que elas estão incluídas é a de bastidores: produção e produção de conteúdo para redes sociais;
- Quando estão na reportagem, são deslocadas para cobrir as torcidas e não a tradicional ‘reportagem de campo’ ou o setor do dia a dia dos clubes;
- Boa parte das funções está relacionada com entretenimento e produção, mas ainda se mantêm distantes da chamada ‘linha de frente’

⁵³ AGUIAR, entrevista aos autores.

⁵⁴ FREITAS, entrevista aos autores.

⁵⁵ SILVA, entrevista aos autores.

⁵⁶ POSSAMAI, entrevista aos autores.

do rádio, que são as funções de narrador, comentarista e repórter de campo;

- As profissionais relatam que esse cenário é desafiador, mas que esse número reduzido também é um incômodo;
- Elas se sentem pessoalmente valorizadas por estarem fazendo algo que gostam, mas entendem que, enquanto classe, as mulheres precisam de mais valorização dentro deste ambiente;
- Acreditam que as emissoras ainda estão inseridas em uma cultura que privilegia os homens em funções mais destacadas, mas que existe uma abertura de espaço a ser conquistada;
- Sobre o espaço às mulheres nas emissoras, as respostas variam entre aquilo que consideram uma participação “muito pequena” à “satisfatória”. Nenhuma considera que a participação feminina no rádio do Porto Alegre está no nível ideal;
- Demonstram otimismo sobre um processo que está sendo desbravado, embora acreditem que ainda há muita coisa a melhorar.

Desta forma, é possível dizer que enquanto um grupo, as jornalistas esportivas no rádio de Porto Alegre são, basicamente, relacionadas a bastidores e ao entretenimento, valorizam o espaço dado, fazem o que gostam e têm otimismo quanto à abertura de mais oportunidades para outras mulheres. Entendem que são relevantes nesse processo e que contribuem para que mais mulheres possam ingressar no meio. E, entre as coisas que chamam mais atenção, é que elas se enxergam como classe e não apenas como indivíduos no meio desse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que outros trabalhos mapearam em épocas diferentes a participação feminina no rádio esportivo de Porto Alegre, o objetivo desta pesquisa foi levantar um panorama sobre este cenário em 2023. Além de investigar o que elas estão fazendo e quais são suas atribuições, procuramos identificar o que elas pensam sobre este cenário. A ideia é estabelecer um artigo que serve como uma primeira análise,

um ponto de partida, uma referência. Por isso, resumidamente, a ideia foi levantar uma impressão sobre as jornalistas no rádio esportivo de Porto Alegre a partir de dois pontos: o que observamos e como elas se observam.

A partir desta observação participante, entendemos que as mulheres no rádio de Porto Alegre têm um desafio que é enorme no sentido de abrir espaço para que outras colegas consigam se encaixar nesse meio. Entretanto, o caminho é longo e suscita diversas perguntas: como quebrar uma cultura? Como vencer uma tradição? Como desfazer a máxima do “sempre foi assim”? Procuramos pistas para estas respostas, que jamais seriam definitivas, mas que ofereceriam ao trabalho a visão de quem passa por isso no cotidiano. Foi possível concluir que elas são poucas, estão colocadas em funções relacionadas ao entretenimento e redes sociais, sentem-se incomodadas, mas pessoalmente valorizadas por estarem em uma profissão que gostam, entendem o desafio e apontam diversas questões que precisam mudar, como machismo velado, falta de representatividade, falta de oportunidade em outras funções e atividades que parecem ser destinadas exclusivamente para mulheres. E o desafio é o mesmo para todas: a cultura precisa ser quebrada.

Portanto, ainda que este trabalho seja uma espécie de embrião para outros que virão, é perceptível que ainda há muito tempo a se recuperar. Vimos que por quatro décadas, as mulheres eram proibidas de jogar futebol e que não chegam a dez o número de mulheres que participaram do rádio esportivo em Porto Alegre num período de 50 anos. Considerando que esse fenômeno é recente e que o futebol-espetáculo entendeu o público feminino com uma distância temporal menor ainda, é preciso dizer que estas mulheres que fazem parte do rádio esportivo de Porto Alegre são uma espécie de resistência num ambiente culturalmente construído para ser masculino.

Estas discussões são observadas no mundo acadêmico, mas raramente – diante de mais uma observação-participante – ela chega às redações. Como Ana Carolina Aguiar (2023) pontuou, parece que é uma obrigação ter mulheres numa equipe, como se fosse um sistema quotista. Não parece ser uma convicção dos gestores e muito menos existe neles a confiança de colocar uma mulher para narrar, comentar ou fazer reportagem de ponta. Neste sentido, é possível dizer que o rádio esportivo de Porto Alegre ainda obedece a uma lógica masculina: mesmo quando regido por

uma mulher (caso de Marjana Vargas, da Rádio Grenal), entende-se que “aquilo que o público quer consumir é o de sempre”.

Mesmo com tantos obstáculos e lutando contra uma cultura enraizada dentro do futebol, foi possível identificar otimismo em satisfação nas mulheres que atuam no rádio esportivo de Porto Alegre. Com união e entusiasmo, sentem satisfação de que estão fazendo parte de uma conquista.

* * *

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

ACOSTA, Mylena. **Entrevista**. Porto Alegre, 12. mar. 2023.

AGUIAR, Ana Carolina. **Entrevista aos autores**. Porto Alegre, 11. mar. 2023.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato. (Org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, p. 46-81.

BROCANELLI, Rodney. Maria Luiza Benitez: a pioneira na reportagem de futebol no Brasil. Disponível em: <https://abrir.link/J5wJT>. Acesso em 14. mar. 2023.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

DANTAS, Monique de Andrade. **Mulheres no jornalismo esportivo**. Trabalho de conclusão de curso (Grad. em Jornalismo). Escola de Comunicação da UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.

DAMATTA, Roberto e outros. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008, p. 62-83.

FERRARETTO, Luiz Artur. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Eptic – Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e Comunicação**, Aracaju, Universidade Federal do Sergipe, v. XIV, n. 2, 2012.

FIDLER, Roger. **Mediamorfosis**: comprender los nuevos medios. Buenos Aires: S.A. Ediciones Granica, 1998.

FREITAS, Carol. **Entrevista aos autores**. Porto Alegre, 12. mar. 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, v. 27, e27001, Porto Alegre, 2021.

GUIMARÃES, Carlos. **O comentarista esportivo contemporâneo**: Novas práticas no rádio de Porto Alegre. Curitiba: Appris, 2018.

HAUSSEN, Dóris Fagundes. Rádio e regionalização na sociedade da informação: o caso brasileiro. **Revista FAMECOS**, n. 8, Porto Alegre, 1998.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

LIMA, Taiane Anhanha. Rádio Mulher: a voz do protagonismo feminino no futebol. 4º simpósio internacional de estudos sobre futebol. **Anais...** São Paulo, 2022.

LUZ, Laura Becker da. **Em busca de espaço**: mulheres no jornalismo esportivo em rádio e televisão. Trabalho de conclusão de curso (Grad. em Jornalismo). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, Porto Alegre, 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATTOS, Ediane Teles de; ZUCULOTO, Valci. A constituição histórica da presença da mulher no radiojornalismo esportivo brasileiro. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Curitiba, 2017.

MUSEU DO FUTEBOL. **Manchete anuncia ação para impedir o Futebol Feminino em 1940**. Disponível em: <https://abrir.link/5BrEQ>. Acesso em 14. mar. 2023.

POSSAMAI, Valéria. **Entrevista aos autores**. Porto Alegre, 12. mar. 2023.

PROVENZANO, Bruna; SANTUÁRIO, Marcos. A participação das mulheres no radiojornalismo esportivo no Rio Grande do Sul. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Curitiba, 2009.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo**: histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

SILVA, Michelle. **Entrevista aos autores**. Porto Alegre, 11. mar. 2023.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar**: o rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1994.

* * *

Recebido em: 15 mar. 2023.

Aprovado em: 27 jun. 2023.